

Efetivamente, quem diz história, diz movimento e diz mudança. Não é um puro espectáculo, para sempre immobilizado em molduras fixas, o que nos oferece o passado e ainda menos uma especie de modelo ideal e invulneravel. A missão do historiador consiste pois, não só em estudar o passado como tal, mas ainda em preparar-nos para melhor conhecermos nosso tempo, as nossas necessidades, nossas possibilidades.

É atravez da consideração do passado que aprendemos, por outro lado a examinar o carater e as peculiaridades de cada povo sem destaca-lo da comunidade dos povos, mas, ao contrario, frizando o que há de necessário no seu convívio. Se é certo, por exemplo, que a Europa e a América representam geograficamente unidades ou conjuntos distintos um do outro, é sobretudo por meio de história que chegaremos a discernir as zonas comuns que afetam não apenas a vida espiritual, no seu mais alto sentido, ou as nuances raciais, mas ainda as ideias, as técnicas, as instituições os costumes tendendo tudo a criar um fundo comum que tem raizes no passado mas pertence também ao presente e, sem duvida, ao futuro.

~~É a expressão "Novo Mundo", querendo~~ livre ou ignorante de seu passado europeu, é responsavel, alias, por todo um sequito de noções caprichosas e que, no entanto, continuam a ter largo curso. Em verdade muitas manifestações que, de ordinário, parecem peculiares à America têm suas raizes do outro lado do Atlantico, fazendo pensar, assim, em certas formas léxicas e sintaxicas, familiares aos filólogos ou aos folcloristas e que, transportadas ~~para~~^{na} este continente com os primeiros colonos, ganharam ~~mutada~~ forças que perderam, de há muito, em suas terras de origem.

Além disso é evidente que, entre os povos americanos, as diferenças raciais, por exemplo, são bastante importantes para nos impedir de concebe-los como uma unidade compacta que se possa opor em bloco à Europa. Aos contrastes étnicos acrescentam-se ainda as particularidades culturais diversas. De expressões tais como "latinos" e "anglo-saxões" que servem ~~para~~^(para) distinguir alguns desses povos seria lícito dizer que têm um conteúdo preciso fora da esfera cultural?

A consciência, porém dessas dissemelhanças não deve servir para dissimular a variedade dos aspetos de uma situação, ainda mais

complexa do que aquela que imaginam frequentemente os observadores distantes. Se é certamente arriscado querer opor a America à Europa como se se tratasse de dois blocos compactos e homogêneos, o mesmo e no mesmo grau, ou quase, pode verificar-se quando somos levados a generalizar em excesso sobre as diferenças existentes entre países americanos. A própria presença e a acuidade dessas diferenças pareceria incitar constantemente a certas simplificações que um exame atento nos levaria a corrigir. Uma dessas simplificações e das mais frequentes ao menos na Europa, consiste em definir-se os povos da América latina por uma espécie de contraste violento e em tudo simétrico com os anglo-saxões deste mesmo continente. Se é exato que a tradição ibérica, representada ^{pela maioria} das nações latino-americanas foi largamente contrária, em geral à preeminência de algumas das atitudes e alguns dos valores espirituais que se encontram à base do progresso mecânico e da civilização burguesa e capitalista encarnada hoje nos Estados Unidos, e se essa mesma aversão se relaciona aparentemente a certos traços arcaicos, que os povos ibéricos continuam a exibir no mundo moderno, não se pode afirmar que ~~essa~~ posição conservadora seja entre eles in~~expugn~~ável. Mesmo entre nós - em São Paulo - o próprio ritmo de crescimento que vimos assistindo de ha algum tempo a esta parte concorda mal com a imagem de imobilidade ~~atribuída~~ que se faz constantemente no estrangeiro acerca das sociedades latino-americanas.

Entre os povos da America Latina, esse tipo de dinamismo pode existir, é certo, lado a lado com uma economia e uma estrutura social primitivas e às vezes semi-coloniais. Frizando este ponto em sua conferência realizada em São Paulo por ocasião das celebrações do IVº Centenario, o professor Paul Rivet falou, no entanto que o progresso técnico adquire entre nós - no Brasil e em geral na America Latina - um caracter desconcertante, pois parece proceder do simples acaso e foge a toda progressão lógica.

Se em termos gerais não estariamos, em outros casos, muito longe de concordar com o sabio francês, os exemplos que ele escolheu para apresentar os povos latino-americanos como essencialmente atécnicos ^{ou anti-técnicos} parece ser todavia uma generalização fundada na imagem convencional que deveria opor-nos em tudo e por tudo à imagem, por sua vez nem sempre fiel, que se costuma fazer dos

Estados Unidos. Quando o professor Rivet fala em ausência de "norma" na evolução do progresso técnico na América Latina cabe perguntar primeiramente se a norma que ele teria em mente não ~~é~~ ^é ~~essencialmente~~ essencialmente a de povos que contam com uma tradição formada ao longo dos séculos por um processo contínuo e, por assim dizer, orgânico. Ora, a ausência aparente de progressão lógica na assimilação seja de técnicas, seja de instituições ou de formas de vida dos latino-americanos, é explicável, em parte, pelas próprias condições de seu desenvolvimento histórico. Entre os americanos, e não falo aqui unicamente dos latino-americanos, os hábitos e as instituições adotados não nasceram em todos os casos de uma evolução constante. Não raro procederam de transmigrações sucessivas, nascidas de conveniências e necessidades momentâneas, como ~~deveria~~ seria natural entre povos que por sua vez transmigraram de outros continentes. E assim sendo puderam surgir não raro verdadeiras defasagens que podem parecer anormais a europeus habituados às "normas" europeias e presos a elas.

O exemplo citado pelo próprio professor Rivet de países - como é o caso do nosso - que dispoem de ainda de redes ferroviárias limitadas e muitas vezes precárias contam no entanto com uma viação aérea bastante avançada está nesse caso precisamente. Seria injusto pretender que esse desenvolvimento da viação aérea

nasceu porém, entre nós, de simples capricho ou que represente a consequência necessária de uma inaptidão fundamental para as condições peculiares à civilização técnica. Quando consideramos que muitos dos novos países com uma vasta extensão territorial, dispõem geralmente de uma população insuficiente, distribuída por agrupamentos dispersos e separados uns dos outros por imensas distâncias, esse fato não parecerá nem extravagante, nem ilógico.

É possível explicar, por motivos semelhantes o fato do progresso técnico decorrer ^{em} ~~em~~ grande parte, de contribuições externas. Sabe-se que mesmo nos Estados Unidos onde, não menos do que no Brasil, por exemplo, o desenvolvimento capitalista e técnico exibiu muitas dessas formas que, de um ponto de vista europeu, passariam por "ilógicas" ou "anormais, onde muitas linhas de estrada de ferro foram construídas, no século passado sobre simples veredas de índios, os famosos "indian trails" que vinham de antes da

colonização europeia, o próprio desenvolvimento ferroviário, ao menos até 1880, assim como a evolução industrial não teriam atingido tão rapidamente proporções consideráveis, sem a técnica, a mão de obra especializada e os capitais europeus, sobretudo britânicos.

Esses fatos, todavia, não parecem de natureza a autorizar, por si sós, qualquer conclusão negativa acêrca do comportamento do povo norte-americano em face do progresso tecnológico e da civilização capitalista. -

Os povos de estirpe ibérica não figuram em geral, é certo, entre os pioneiros desse progresso técnico, ao qual permaneceram até certo ponto estranhos ou mesmo hostis. Essa ~~sua~~ atitude anti moderna não deixa de ter relação com seu ideal de vida tradicionalmente individualista e no fundo aristocrático. Mas o fato desses traços parecerem distinguir as nações ibéricas não quer dizer necessariamente que representem uma ^{espécie de} fatalidade biológica invencível e tendam a triunfar sobre todas as pressões contrárias.

Supor a existência de uma misteriosa mentalidade ibérica, sempre igual a si mesma e capaz de ~~nota~~ resistência obstinada a todos os influxos vindos de fóra ou a todas as mudanças possíveis seria sucumbir á sedução de certos argumentos idealistas que nada explicam e servem para semear muitas confusões. Eles fazem pensar um pouco naquelas observações ^{dos} que, ha um século, ainda, julgavam o povo alemão uma raça de sonhadores ~~inteligentes~~ impenitentes, desprovidos de ^{todo} senso prático e além disso - são palavras de Goethe - , imunes desse patriotismo agressivo que distinguiria, ao contrário, os povos latinos. Ou ainda ^{naquelas} ~~aquelas~~ que, antes da Revolução Industrial negavam aos ingleses as virtudes económicas que estes representariam mais tarde em tão alto gráu. No pampheto intitulado England's Treasure by Foreign Trade, que se publicou em 1664 e acaba de ser reimpresso, seu autor Thomas Mun censurava seus compatriotas britânicos pela sua imprevidência, seu gosto da dissipação inutil, seu amor do prazer e do luxo, sua ociosidade impudica - lewd idleness - "contrários á lei de Deus e aos usos das outras nações", atribuindo a seus vícios as dificuldades que ~~uma~~ encontravam para medir-se seriamente com os holandeses no comércio.

No caso dos povos íbero-americanos parece lícito perguntar hoje se, mais solicitados por influências externas e menos sujeitos aos freios da tradição, eles não estariam passando por uma crise histórica destinada a mudar radicalmente alguns efeitos de sua herança, com resultados entretanto imprevisíveis. A tendência daqueles que vêm no mundo latino-americano uma imagem invertida ou uma espécie de "negativo fotográfico" dá ideia

que se costuma formar da América do Norte colonizada pelos anglo-saxões, parte ainda de uma presunção falsa. A simples possibilidade de uma comparação sugere, já ao primeiro relance, que se supõe, no caso, a existência de duas unidades perfeitamente coerentes.

Ora, se, em face desse conjunto extremamente variado e complexo que formam os países da América latina, os próprios Estados Unidos com todas as suas diversidades regionais apresentam uma fisionomia bastante unitária seria ilusório tentar procurar a explicação de tal variedade no simples fato do mundo latino-americano ser constituído atualmente de uma multiplicidade de organismos políticos distintos. As razões são em verdade bem mais profundas e prendem-se sobretudo às condições de desenvolvimento histórico de cada um dos países ou das regiões latino-americanas.

Assim, em alguns casos, como o do México, o da Bolívia, o do Equador, predominam ainda em nossos dias os descendentes das populações pre-columbianas. Pode-se dizer o mesmo do Paraguai onde apesar de todos os esforços dos governos visando a esmagá-lo, o idioma dos antigos habitantes do país ainda é corrente, mesmo entre as populações urbanas: sabe-se que no Congresso Nacional de Assunção, o espanhol é falado na medida em que os debates obedecem as regras da perfeita dignidade parlamentar. Quando os ânimos se exaltam e a discussão se acalora muitos não exitam entretanto em servir-se do guaraní, que é ainda, em grande parte, a linguagem do círculo doméstico.

No Chile, ao contrário, as populações primitivas foram em parte dizimadas ou absorvidas por imigrantes oriundos da península ibérica, e neste caso quase se pode dizer que o elemento hispânico consegue predominar sem excessivo esforço. O desaparecimento ou a assimilação dos antigos indígenas verificou-se também em grandes extensões do Brasil, assim como nas Antilhas; sabemos porém que nestes casos a contribuição europeia complicou-se com a introdução de negros da África destinados ao trabalho rural.

Deve-se ainda considerar o caso da República Argentina o do Uruguai e o do Sul do Brasil onde desde o século XIX, grande número de imigrantes italianos, alemães, slavos e ultimamente japoneses e sírios se associaram ao velho substrato ibérico tendendo modificar a composição étnica desses povos.

Sempre que nos vemos inclinados a apresentar a América Latina como um todo mais ou menos uniforme tendemos a perder de vista esses fatos todavia significativos, e essa tendência toma proporções singulares nos casos bastante frequentes aliás no velho mundo onde se supõe também uma uniformidade linguística, sem considerar que no Brasil não se fala espanhol e que com uma superfície territorial superior a da Europa, exceção feita da Rússia, superior a dos Estados Unidos menos o Alaska, nosso país compre-

compreende metade da população e metade do território da América do Sul.

Se considerarmos tudo isso de um ponto de vista histórico o erro não é inteiramente imperdoável: o absurdo que hoje encontramos na identificação entre portugueses e espanhóis não o foi num mesmo grau durante muito tempo. O próprio Padre ^{Antonio} Vieira ainda se referia frequentemente ~~aos portugueses~~ aos seus conterrâneos como espanhóis. Somente durante o século XVIII é que as palavras Espanha e espanhol passariam a adquirir definitivamente para os portugueses o significado político que se dava até então a Castela e a castelhano. A palavra espanhol tinha então um sentido ~~principalmente~~ principalmente geográfico e quando muito étnico. O contraste entre os dois povos da península datava em realidade dos tempos remotos da independência lusitana sob a égide da dinastia de Burgonha e acentuara-se desde que em fins do século XIV uma verdadeira revolução popular tinha feito subir ao trono em Lisboa uma casa real mais de acordo com os pontos de vista de seus promotores. Suscitada pela burguesia mercantil das cidades e pela gente do povo, à "arraia miuda" nas palavras do cronista Fernão Lopes esse movimento, ~~empreendido~~ alheio aos círculos da maior parte da velha nobreza nacional que se colocara imediatamente sob a proteção da coroa castelhana ~~pode~~ ^{pôde} marcar fortemente toda a expansão anterior dos portugueses em terras ~~de além~~ ultramarinas.

Seria excessivo, sem dúvida, pretender datar da ascensão da dinastia de Aviz, a extraordinária importância adquirida no reino e sobretudo na Corte de Lisboa pelos interesses dos mercadores. O sábio rei D. Diniz, que os historiadores portugueses se comprazem ainda em saudar sob o epíteto de "rei lavrador", louvando-o, além disso, pelos inúmeros serviços que, poeta e amigo das letras, ele prestou a cultura do país, não teria sido, um século antes daquela dinastia, fanaticamente hostil aos interesses pecuniários e a tudo quanto a Igreja, na época condenava ainda como práticas usurárias. Não é, ~~certamen~~ ^{talvez} ~~provavelmente~~ ^{algun} sem motivo que Dante ~~pode~~ ^{pôde} acusa-lo destas ~~vici~~ ^{práticas}. E a apostilha do anônimo de l'Ottimo Commento, contemporâneo do rei na passagem onde se trata de "aquele de Portugal" - "quel di Portogallo" - na Divina Comedia diz a propósito de D. Diniz que, "ocupado apenas na aquisição de bens, ~~em~~ ^{em} entretém negócios monetários com todos os mercadores do país". E acrescenta, aliás com flagrante injustiça, que "nada se pode escrever de real, nada de magnífico a seu respeito": "nulla cosa reale, nulla cosa magnifica si puote scrivere di lui". Que esse amor do comércio

Que esse amor do comércio chegasse a escandalizar ~~W~~ italianos e, ainda mais, florentinos do Trecento eis um pormenor que não convém desprezar.

Já houve quem disesse de Portugal que foi em suas origens um país ~~de~~ Cruzados. É certo, entretanto, que esses cruzados se desfizeram rapidamente dos inimigos da fé cristã e puderam ter tempo para se ocupar de atividades mais prosáicas e não menos lucrativas do que as guerras de fronteira. Não ~~deveria~~ se deveria ^{a isso} atribuir ~~o~~ traços que parecem distinguir o fidalgo espanhol típico se terem afirmado entre as classes nobres de Portugal com um vigor menos espontâneo? Não é sem motivo, certamente, que os portugueses deixaram de produzir durante a Idade Média qualquer coisa que se assemelhasse à epopéia castelhana do Cid. O idioma épico só florescerá tardiamente entre eles, em uma fase de abatimento nacional - a segunda metade do século XVI - e florescerá com Luis de Camões, sob a influencia direta dos velhos modelos clássicos, como uma retrospecção eloquente de glórias já amortecidas. Em compensação eles conseguirão distinguir-se facilmente na expressão lírica.

A própria língua portuguesa torna-se ~~ela~~ desde cedo, em toda a península, a língua por excelência do lirismo: trovadores de toda a Espanha cantam ^{nas mãigas} também em português e em galego.

Apezar de toda a grandiloquência camoneana, não se encontra, durante a fase verdadeiramente heróica da expansão e dos descobrimentos marítimos lusitanos, nada que deixe de obedecer a uma prosáica e meticulosa economia de meios. O próprio ato que servirá como ponto de partida dessa expansão - a tomada de Ceuta aos mouros de Marrocos - só foi empreendida depois de um cálculo preciso de todos os recursos necessários e das vantagens mais que prováveis da iniciativa. Uma coragem obstinada e todavia sem ardor delirante ou intenções desmedidas parece ser, em realidade a característica de todos os grandes navegadores portugueses - até mesmo de um Vasco da Gama - , com exceção apenas de Magalhães que aliás, e certamente e não por acaso se colocou ao serviço da Espanha.

Se é justo dizer que a expansão portuguesa traz desde cedo um forte cunho mercantil e a bem dizer já "burguês", não se deverá concluir que ela tenha aberto efetivamente uma etapa nova na historia da colonização. Essa glória, apesar de tudo, caberia antes aos espanhóis, embora os portugueses tenham sido inegavelmente em grande escala os pioneiros da expansão oceanica. Sua ação colonizadora representa, com efeito, uma especie de prolongamento, ao longo do oceano, das empresas dos seus predecessores e, até certo ponto, seus mestres: os marinheiros italianos da Idade Media.

Comparados a estes pode-se dizer que entre os portugueses a noção de riqueza não se libertara, tanto quanto entre os italianos, da ideia de propriedade fundiaria. Caberia ainda lembrar que se ela não podia dispensar um mínimo de conquista territorial - enquanto os italianos por sua vez se limitavam em geral a procurar simples concessões econômicas - , as diferenças podem relacionar-se com a maior distância em que se achavam as colônias portuguesas com relação ao território metropolitano e também

a civilização mais rudimentar das populações indígenas em grande parte dessas colônias.

Todavia o domínio integral a que eles podiam aspirar naquelas regiões, limitava-se na maioria dos casos ao estrito necessário para o livre exercício da atividade económica. Salvo nas pequenas ilhas do Atlântico vizinha de seu próprio território, as possessões que eles fundaram, durante a fase da expansão, lembram bastante as *dogane* e as *fondache* italianas ao ponto de ter sido ^{possível ao historiador inglês R. H. Tawney} comparar seu império colonial do século XVI a uma linha de freguezias e fortalezas de dez mil milhas de extensão.

Para os castelhanos, ao contrário, a verdadeira conquista territorial acha-se à base da ação colonizadora. Descoberto no próprio ano em que os sarracenos se viram expulsos de seu último baluarte na península, o Novo Mundo apresenta-se como um prolongamento natural do campo de ação dos soldados da Reconquista. O império colonial que eles criam nessas terras é, desse modo, uma espécie de extensão transoceânica do território nacional e não deixa de ser, mesmo, e principalmente, do ponto de vista jurídico, ^{as regiões que assim se} ~~as regiões que assim se~~ ^{Juri-} não ^{não} ~~mas~~ "colônias", mas províncias ou reinos, ~~incorporam~~ ^{incorporam} à monarquia castelhana.

A ideia de conquista territorial e Cruzada, que domina desde o primeiro instante sua atividade americana, parece ligar-se, para os espanhóis, a essa lembrança recente das campanhas hereditárias contra os infieis instalados na península. Ao passo que para os portugueses tais campanhas representavam ^{um} episódio já longínquo e quase apagado das memórias. Por outro lado, com uma população bastante diminuta, comparada ^{um} a dos reinos espanhóis reunidos sob a égide de Castela e dominando ^{um} império que se estendia sobre quatro continentes viu-se Portugal forçado a seguir caminhos que lhe dessem seguro proveito sem excessivo dispêndio de energia ou mão de obra.

Basta isto para explicar o fato, por exemplo, de terem eles preferido constantemente, em sua colonização, estabelecer-se à beira mar, em lugares onde os generos produzidos pudessem ser mais facilmente exportados e com menores gastos. Dispondo de um grande numero de estabelecimentos semelhantes, assim como de fortalezas, as terras ocupadas se achariam, por outro lado, mais seguras contra a cobiça dos estrangeiros do que no caso de uma penetração no interior, tendo como consequência o abandono total, ou quase total, das áreas litoreanas. O sistema foi adotado no Brasil tanto quanto na África e no Oriente. E suas conseqüências são ainda hoje visíveis, quando se considera a distribuição relativa da população brasileira muito mais densa nas proximidades do mar do que no sertão. Apesar de algumas explorações isoladas nas regiões centrais, inspiradas, talvez, pelo bom êxito alcançado pelos espanhóis do Perú, os portugueses se apegaram obstinadamente no Brasil ao tipo de ocupação da terra que levará Frei Vicente do Salvador a dizer ainda em 1627 que eles "arranhavam as costas como carangueijos".

Imagina-se dificilmente em um conquistador português dessa época gesto semelhante ao que se atribuiu a Cortez, por exemplo, e também a Pizarro, os quais teriam feito destruir seus navios para utilizarem a madeira em construções ^{da} terra firme. Nada mais de acordo, entretanto, com

o espirito que anima os espanhóis do que esse ato, verdadeiramente simbólico do método que irão inaugurar. Conforme já tive ocasião de observar em ~~um~~ estudo sobre a formação brasileira, o oceano não existia para aquela gente, a não ser como obstáculo a superar. E as terras do litoral só existiam na medida em que forneciam o acesso obrigatório ao interior ~~das~~ das terras.

Em contraste com os portugueses que visavam sobretudo a maior comodidade nas comunicações marítimas os espanhóis procuraram principalmente a maior comodidade dos próprios colonos. Assim, os estabelecimentos urbanos que ~~os~~ edificaram em suas possessões tropicais estão situadas em regiões onde a altitude permita aos europeus desfrutar de um clima que não seja extremamente diferente do que conheceram em suas ~~suas~~ terras de origem. O problema da maior ou menor facilidade de transporte não parece ter-se apresentado sequer aos seus legisladores. Com efeito a legislação espanhola sobre os descobrimentos e a colonização chega a desaconselhar expressamente os estabelecimentos costeiros alegando que são mais expostos aos corsários, mais insalubres, mais estereis e mais desfavoraveis à formação dos bons costumes. Todas essas medidas parecem ajustar-se bem à concepção das colônias como um prolongamento natural e orgânico da mãe pátria.

As diferenças entre os dois sistemas deveriam ser bastante eloquentes quando se considere que elas já impressionavam os contemporâneos. Desde a primeira metade do século XVIII os jesuita francês Lafitau notava o caracter ~~mais~~ ^{menos} impoligante ou sedutor para a imaginação do sistema português, comparado ao que os espanhóis puzeram em prática no México ou no Peru. No caso destes, o que vemos de ordinario é um homem só que, pelo seu valor, sua obstinação, seu genio, consegue edificar um estado sobre as ruínas de um grande império. A obra realizada pelos espanhóis parecia-lhe comparavel a um poema épico, onde tudo é dominado por uma ação única ornada por varios episódios. Sem dissimular sua preferênciã pelo método, se assim se pode dizer, dos colonizadores portugueses ele observa que estes agem em geral através de intervenções descontinuas sobre uma grande quantidade de regiões diversas, ~~entre~~ ^{entre si,} chefes diferentes que frequentemente têm ~~as~~ ^{ideias} opostas, ~~sem~~ ^{sem} coerência nem consistência: em suma uma especie de caos de onde só pode resultar alguma unidade devido ao fato ^{de} daqueles atos, daquelas ideias, destes chefes, serem oriundos todos de uma só nação.

O contraste pode parecer vivo demais e excessivamente esquemático para ter uma correspondencia precisa na realidade, e no entanto é indiscutivel que ~~o~~ caracteriza bem a diversidade de comportamento dos dois povos ibéricos que colonizaram a América do Sul. Essa diversidade, que muitos tentariam associar as diferenças de caracter que separam um do outro os dois povos, parece condicionada, antes, pelas circunstancias diversas que acompanharam sua formação nacional. A exasperação organizadora, centralizadora que anima os espanhóis em sua atividade americana corresponde aquela mesma necessidade de coerência que levara Olivares a sugerir ao rei Felipe IV a redução dos diferentes reinos da Espanha aos estilos e as leis de Castela: ela provém de uma nação internamente desunida e que terá de vencer as ameaças de desagregação.

O gosto das ordenações precisas, conforme também tive oportunidade de notar em outro trabalho, a casuística complicada dos regulamentos meticolosa, que tudo pretendem prever e prevenir, como é o caso da Recopilacion de Leyes de Indias, a paixão da uniformidade e da simetria denunciada ainda hoje pelo plano regular de quase todas as cidades ~~portu~~^{hispano}-americanas, as primeiras cidades "em xadrez" que se edificaram no Novo Mundo, tão diversas, nisto, das que se encontram no Brasil português, onde tudo parece acomodar-se aos caprichos da natureza e a lei do menor esforço, parecem refletir a mesma vontade enérgica que a nação espanhola empregava em superar as suas divisões internas. Em Portugal, ao contrario, a ação mais tranquila o aspeto difuso, contraditorio, as vezes mesmo displicente da atividade colonial não concordaria melhor com as condições de um país que, tendo alcançado desde o seculo XIII, uma perfeita unidade, se achava dispensado de resolver por esse lado ~~as~~ tensões trágicas e os problemas prementes ?

Embora não sejam mais indulgentes do que os castelhanos em face dos infieis e dos hereges é significativo que os portugueses não tenham pensado jamais seriamente em introduzir em suas terras americanas o tribunal da Inquisição. Durante todo o período colonial, o Santo Oficio limitou-se a duas breves visitas ao Brasil e é certamente significativo o fato de terem coincidido uma e outra com a época em que os reis de Castela e Aragão também foram soberanos de Portugal.

Essa mesma atitude poderia ser atribuída, talvez, menos a sabedoria do que a um certo abandono na conduta adotada em face dos problemas coloniais. Há casos no entanto em que os portugueses deram provas bem claras de uma liberalidade positiva nesse ponto, ao menos se comparados aos seus vizinhos. Ao oposto destes, ~~os~~ não deixaram, por exemplo, de admitir em suas possessões estrangeiros que nelas desejavam viver e trabalhar. Essa situação manteve-se até ao momento em que Portugal com suas colonias passa a subordinar-se à Coroa de Castela permanecendo durante sessenta anos sob o seu jugo: proíbe-se então formalmente a entrada dos estrangeiros e em certos casos determina-se a expulsão dos que já residam na colonia, assim como o confisco das suas propriedades. As restrições serão no entanto abolidas, ao menos parcialmente, em beneficio das chamadas nações amigas, quer dizer dos ingleses e dos ^{holandeses} após a restauração, em 1640, de uma monarquia portuguesa separada da Espanha.

Um dos resultados notáveis da indulgencia - ou da impotencia - desses colonizadores está nisso, que as energias mais espontaneas das populações coloniais tiveram muitas oportunidades de manifestar-se com relativa liberdade. A sublevação que recupera todas as regiões do nordeste conquistadas pelos ^{holandeses} durante o regime espanhol deveu-se sobretudo a essas populações, isto é a brasileiros da segunda ou terceira geração assim como a europeus já adaptados ao meio americano. Esse movimento ocorreu no momento preciso em que, na metropole, muitos já se inclinavam pelo abandono dessa parte do territorio colonial à ^{Hol} Holanda, tendo em vista a necessidade de um acordo mais eficaz entre as forças ^{anti} espanholas.

extraordinário

O imenso esforço daqueles aventureiros que, saindo da vila de São Paulo, para caça aos índios ou a conquista de riquezas minerais, chegaram a explorar e ocupar definitivamente as terras do extremo ocidente não é menos típico da liberdade de ação alcançada pelas populações coloniais. Graças sobretudo a essa gente e — a essa "raça de gigantes" como os bandeirantes chamam que o Brasil ira ganhar sua silhueta geográfica de hoje. A atividade dos bandeirantes, empreendida ~~em~~ muitas vezes apesar de proibições da Corte de Lisboa com o socorro decisivo dos índios da terra, por homens que tinham, não raro, sangue indígena, parece justificar a observação de um historiador recente, George Friederici, de que, no Brasil também, a América foi conquistada para os europeus pelos americanos.

O descobrimento, por essas bandeiras de ricas jazidas de ouro e diamante, no coração da América do Sul, decidirá Portugal a mudar sua política ultra-marina. Os traços que distinguem ~~essa~~ tradicionalmente essa política da que realizaram os espanhóis tenderão pouco a pouco a desaparecer. Durante o século XVIII o Brasil transforma-se, e de uma colônia de plantações converte-se num grande centro aurífero e diamantífero que com as suas riquezas minerais, exercerá importante influência sobre a vida política e social europeia, num momento decisivo de sua evolução.

O desenvolvimento dos centros urbanos acarreta, por sua vez, um desenvolvimento correspondente das exigências intelectuais entre as elites da colônia. A princípio surge as Academias literárias, criadas segundo os moldes europeus e que se reúnem sobre os olhos complacentes dos representantes da Corôa. Depois será a vez dos inofensivos "Pastores" da Arcádia, que, satisfeitos de se verem libertados da influência do cultismo espanhol, introduzem no país as idéias, as cadências, as maneiras dos literatos do Janículo. No fim do século, entretanto, essa paisagem começa a cobrir-se de nuvens sombrias; as autoridades veem-se agora às voltas com as conspirações e as tentativas de levante inspiradas diretamente em idéias ou exemplos vindos da França e dos Estados Unidos. Para conter essa avalanche de "Idéias Novas" e para assegurar-se a posse periclitante de uma colônia que se transformara na sua principal fonte de rendas o reino modifica seus métodos: a brandura e flexibilidade que pareciam distinguir sua política colonial substitue-se uma atitude de suspiciência e de repressão, que agravará as relações entre a gente do país e os

portugueses da Europa. Essa nova tendência não se destinava porém a durar muito. Uma transformação que afetará radicalmente a vida brasileira, irá produzir-se com a instalação em 1808 da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro. De um momento para outro a antiga colônia vê-se erigida praticamente em sede de um governo soberano. Pela primeira e única vez na história, um estado europeu tem seu centro em terras da América. E quando em 1821 D. João VI é forçado a voltar a Lisboa, a América Portuguesa acha-se madura para a completa emancipação, que se realizará no ano seguinte.

Esse desenlace seria facilmente previsível, mesmo sem a obstinação daqueles que, em Lisboa, conspiravam contra o estatuto que assegurara ao Brasil a condição de reino unido, juridicamente equivalente a mãe pátria, ao mesmo tempo em que exigiam publicamente a volta do Regente a Europa. De qualquer modo ~~Alguns~~ a irritação provocada por êsses desígnios, além da pressão exercida sobre o Príncipe, que se identificara com a causa Brasileira, puderam ter um papel decisivo na resolução por êste tomada de assumir a responsabilidade do divórcio político com Portugal, divórcio que se tornara já então inevitável, e de aceitar a coroa do novo império.

O ~~favor~~ ^{teve} interêsse que lhe mereceram desde cedo as idéias liberais ~~o~~ efeito de aplainar, até certo ponto, as tendências radicais generalizadas entre aqueles que apoiavam a Independência. O contacto precoce dessas tendências, a sugestão das camadas mais ativas da opinião pública brasileira, o exemplo contagioso de todos os outros povos do continente, puderam estimular êsse Príncipe, altaneiro, embora, ~~ex~~ e autoritário, genro, além disso, do Imperador da Áustria contra os princípios absolutistas e os preceitos que serviram de base a Santa Aliança.

Nunca se poderá exagerar devidamente o alcance desse sucesso quando se queira fixar a posição verdadeiramente única que ocupa o Brasil no mundo americano. Excessão feita do breve e sangrento intemezzo ~~o~~ ^{foros, 1821} mexicano com efeito, o único país do Novo Mundo em que, proclamada a Independência, pôde ser instituído um regime monárquico como o da Metrópole. Nesse caso não se precisou recorrer ~~pe~~ a uma dinastia estrangeira: o primeiro chefe da monarquia

sul-americana é o sucessor eventual do velho soberano português. Com isso a emancipação política resultante, sem dúvida, de um gesto sedicioso ganha no Brasil uma aparência de desenvolvimento natural e como um selo de legitimidade.

Tal circunstância terá contribuído de um modo ou de outro para atenuar certas dificuldades no processo de libertação nacional e impedir modificações mais radicais. Por outro lado *Mu* agiu favoravelmente, por muitos aspectos, sobre a evolução ulterior do país. Numa época em que o exemplo bonapartista ainda tinha por onde seduzir a megalomania ou o espírito romanesco de aventureiros que pululavam nos países ainda mal constituídos da América, a presença de um soberano geralmente aceito podia constituir, e constituiu de fato, uma barreira eficaz oposta as ambições e convulsões anárquicas. Salvo nos anos que se seguiram imediatamente a Proclamação da Independência, e mais tarde durante a Regência, o Brasil desfrutou de uma relativa tranquilidade legal, se comparado a maioria dos seus vizinhos. Não deixa de ser significativo o fato de se ter apressado a Proclamação da Maioridade do Segundo Imperador, com o intento expresso de ~~o~~ sustar ~~o~~ a agitação da Regência, que foi aliás uma espécie de entreato republicano. Assim como lhe foi possível conter as tendências para anarquia civil, o regime monárquico contribuiu sem dúvida para manter intacto o patrimônio territorial da América Portuguesa. Do contrário não seria possível explicar como um país tão vasto quanto um continente, nascido de uma experiência colonial muitas vezes incoerente, e mesmo heterogênea, tenha podido resistir tão eficazmente as forças que levaram ao desmembramento ~~o~~ velho imperio colonial espanhol.

Pode-se dizer, por outro lado, que a monarquia brasileira não opôs sérios obstáculos a ambição do país de levar sua separação da Metrópole até as últimas consequências, apagando tudo quanto parecia liga-lo ao seu passado colonial. Os mais vários sectores da vida brasileira, acham-se, ao contrário, vivamente marcados, e desde o primeiro instante, por aspirações semelhantes. Isso é exato, mesmo e sobretudo no domínio intelectual, apesar da comunidade linguística com a mãe pátria. O movimento romântico, que no Brasil partilha largamente da exasperação nacionalista, dirigida de fato contra os primitivos colonizadores, pôde-se então a exaltar em prosa e verso as virtudes

Essa situação prende-se principalmente ao fato da cultura e da literatura espanhola já no momento de emancipação política não ~~XXXX~~ exercerem sobre os próprios portugueses um atrativo apreciável. Esse atrativo cessará para eles em verdade desde fins do século XVII, quando se encerra a chamada Época de Ouro da cultura castelhana. No momento em que acabavam de libertar-se da tutela intelectual da sua antiga Metrópole os autores e o público do Brasil voltaram-se para outros modelos e o prestígio exercido sobre eles ^{pela} cultura francesa, por exemplo, foi bastante intenso para absorver imediatamente e **quasi** exclusivamente sua atenção, ao menos até aos inícios de nosso século. É certamente muito fácil assinalar pela mesma época entre os povos hispano-americanos uma solícitude semelhante na procura de novos ^{quias} intelectuais. Parece porém indiscutível que no seu caso essa tendência pôde ser retificada, até certo ponto, pela herança cultural espanhola mais compacta, mais numerosa, mais absorvente, mais exigente e de um prestígio mais universal, sem dúvida do que a dos portugueses. Resulta disso uma situação bem diversa daquela em que se acharam os brasileiros. Entre estes a emancipação política abrandada de certo modo pela manutenção da idéia monárquica lusitana, com uma dinastia também lusitana, é acompanhada todavia por uma nítida cesura com a Metrópole, em tudo quanto diz respeito a vida intelectual. Na América Espanhola, ao contrario, a aspereza ^{de} ruptura política parece ^{atenuar = se,} ~~atenuar~~ ou **quasi**, desde que penetramos no domínio da cultura. Neste domínio, o menos afetado pelas forças de disjunção que, durante o primeiro quartel do século passado, conduzem às lutas pela independência, os povos de língua espanhola conseguem conservar, ainda hoje, uma fisionomia comparativamente homogênea.

Separados desses povos em virtude de condições diversas do seu desenvolvimento nacional, separado além disso, e ainda mais claramente, cabe dizer, dos Estados Unidos da América do Norte, o Brasil ocupa, no Novo Mundo, um posto a parte. Neste Continente habitado em sua maioria por populações que falam o inglês ou o espanhol, ele não se vincula, em realidade a qualquer delas. E no que diz respeito as relações políticas e diplomáticas entre esses conjuntos diversos e não raro divergentes, vemo-nos condenados a uma posição de equilíbrio, não isenta aliás de riscos e que muitas vezes ^{nos} ~~na~~ valeu, com efeito a ^{nos} ~~de~~ render ora por uns, ora por outros.

No quadro da civilização ocidental, as Américas oferecem com uma notável dilatação no espaço e também no tempo, os frutos dessa experiência única na história. ~~PRAXINANO XAXXA~~ Extendendo-se sobre nosso hemisfério o mundo europeu foi levado a despojar-se de muitas convenções, de muitos usos ou preconceitos tradicionais, e, de outro lado, a selecionar e aguçar aptidões que, pela primeira vez, achavam possibilidade de emprêgo em vasta escala. Se é exato que ~~as~~ perspectivas de enriquecimento e de rejuvenecimento para essa civilização comum puderam resultar de tais circunstâncias, os sucessos obtidos de qualquer modo só se tornaram possíveis algumas vezes a custa de sacrifícios. As depurações, as tensões inevitáveis desde o primeiro momento puderam implicar limitações duradouras assim como alguns traços desconcertantes que atestam ainda hoje na vida americana os efeitos de uma aprendizagem desigual ou de uma adaptação difícil. As reações desfavoráveis que experimenta por vezes o europeu diante das nossas simplificações ou deformações têm sua réplica na atitude crítica em face de certos hábitos - o excesso de parcimônia, o apêgo ao passado e a rotina, as barreiras intransponíveis entre as camadas sociais, a aversão a corrente de ar, ao banho quotidiano, a obrigação do dote matrimonial que compõe a imagem mais familiar da Europa e dos europeus entre os americanos de um modo geral, sejam estes dos Estados Unidos, das Repúblicas de língua espanhola ou do Brasil. Não é menos certo porém que as divergências, nesse caso, servem menos para suprimir do que para ampliar as possibilidades ou as vantagens de um contacto e de uma colaboração necessários e cada vez mais fecundos entre os diferentes povos.

SBH
Pc 173
1/23
(d'urso)

L E BRÉSIL DANS LA VIE AMÉRICAINNE

Sergio Buarque de Holanda

En rédigeant les indications préliminaires sur le thème de ces IX^{mes} Rencontres Internationales, leur Comité a eu soin de suggérer aux conférenciers de ne pas se limiter exclusivement à des considérations sur le passé. Il ne conviendrait d'utiliser l'histoire que dans la mesure où elle servirait le mieux à l'intelligence du présent et nous aiderait à dégager les perspectives d'avenir.

A l'appui de cette suggestion on pourrait se demander, d'ailleurs, si une étude des aspects du passé visant à isoler et à cristalliser ces mêmes aspects, en les dépouillant de toutes leurs conséquences, ne serait pas en nette contradiction avec le sens historique même. En effet, qui dit histoire, dit mouvement et dit aussi changement. Ce n'est pas un simple spectacle que le passé nous fournit, et moins encore une sorte de modèle idéal et invulnérable. La tâche de l'historien consiste donc, non seulement à étudier le passé comme tel, mais aussi à nous préparer à mieux comprendre notre époque et nos possibilités à l'aide des résultats de cette étude.

D'autre part il semble exact qu'en considérant ainsi le passé, une voie plus directe nous sera ouverte pour aborder le thème proposé. S'il est bien certain que l'Amérique et l'Europe représentent, au point de vue géographique, des unités ou des ensembles distincts, c'est surtout à travers l'histoire, non une histoire ~~muée~~ périmée et stérile, mais, au contraire, une histoire toujours agissante et riche en conséquences, que nous pourrons plus facilement communiquer entre nous et nous comprendre.

Il est indéniable que la prétention d'appartenir à un monde

qui s'intitule Nouveau, par opposition à l'Ancien, -- avec toutes les conséquences qui semblent découler de ce fait, est un sentiment assez répandu chez les peuples américains: il sert en quelque façon à les unir, en dépit même des différences et des divergences profondes qui les séparent. D'autre part, la solidarité et la cohésion qu'on tente parfois de créer au nom d'un sentiment continental, obéit à des raisons politiques souvent équivoques, plutôt qu'à des mobiles historiques ou ethniques encore puissants.

Cette expression même Nouveau Monde, signifiant un monde libre ou ignorant du passé européen, est d'ailleurs responsable d'un certain nombre de notions capricieuses, qui pourtant continuent à avoir un large cours. A la vérité, beaucoup de manifestations qui d'ordinaire paraissent être particulières à l'Amérique, ont leurs racines de ce côté-ci de l'Océan et ressemblent, en cela, à ces formes lexiques et syntaxiques familières aux philologues ou aux folkloristes, lesquelles, transplantées en Amérique avec les premiers colons, y ont acquis de nouvelles forces, bien qu'elles aient été ensuite oubliées dans leur terre d'origine.

De plus, il est évident que, parmi les peuples américains, les différences raciales sont assez importantes en elles-mêmes, pour qu'on ne puisse jamais concevoir qu'ils forment une unité opposable à l'Europe. A ces contrastes ethniques se joignent encore des particularités culturelles diverses. Des expressions telles que "latins" et "anglo-saxons", qui servent à en distinguer quelques-uns, auraient elles-mêmes un sens précis en dehors de la sphère culturelle ?

Cependant, la conscience de ces dissemblances ne doit pas dissimuler la variété des aspects d'une réalité bien plus complexe que ce qu'on pourrait supposer au premier abord. S'il y a des ris-

ques indiscutables, dès qu'on cherche à opposer l'Europe au Nouveau Monde, comme s'il s'agissait de blocs compacts et homogènes, la même chose, et au même degré, à peu près, peut se vérifier quand on est tenté de généraliser à l'excès sur les différences subsistant entre les pays américains. La présence même et l'acuité de ces différences semblerait inciter ici, constamment, à quelques simplifications, qu'un examen plus soucieux des nuances servirait sans doute à corriger. Une de ces simplifications, parmi les plus fréquentes, consiste, par exemple, à définir les peuples d'Amérique Latine par une sorte de contraste violent et en tout symétrique avec les ~~anglo-saxons~~ anglo-saxons du même continent. S'il est vrai que la tradition ibérique, représentée dans les nations ~~latino-américaines~~ latino-américaines, a été largement contraire, en général, à la prééminence de quelques-unes des attitudes et des valeurs spirituelles qui se trouvent à la base du progrès ~~mécanique~~ mécanique et de la civilisation bourgeoise et capitaliste incarnée aujourd'hui par les Etats-Unis, et si cette même aversion semble s'apparenter à quelques traces archaïques, que les peuples ibériques continuent à exhiber dans le monde moderne, on ne peut pas affirmer que cette position conservatrice soit chez eux partout inexpugnable. Une ville comme São Paulo, avec son rythme de croissance sans équivalent dans ces dernières années -- croissance aussi bien horizontale que verticale -- s'accorde difficilement avec l'image placide qu'on se fait des sociétés latino-américaines.

Chez les peuples de l'Amérique Latine, cette sorte de dynamisme peut subsister, il est vrai, à côté d'une économie et d'une structure sociale primitives et parfois franchement coloniales. Comme l'a bien dit Mr. Paul Rivet dans le mémoire destiné à servir de point de départ à nos débats, le développement technique acquiert souvent chez eux un caractère déconcertant, puisqu'il semble le résultat du pur hasard, étranger à toute progression logique.

Il faut noter toutefois que beaucoup de ces progrès, effectués de plus en plus en dehors de tout apport étranger immédiat, dénoncent une volonté de réalisation qui contredit l'idée en partie conventionnelle qu'on s'est créée des gens d'Amérique Latine. Du reste, quand on parle d'absence d'évolution normale dans le progrès technique de ces peuples, il faut se demander si la "norme" considérée en ce cas ne serait pas essentiellement celle des peuples qui comptent avec une tradition formée au long des siècles par un processus organique et continu.

Le manque apparent d'une progression logique dans l'assimilation soit de techniques, soit d'institutions et formes de vie collective entre les latino-américains est explicable, en partie, par les propres conditions de leur développement historique. Chez les américains, et je ne parle pas ici uniquement des latino-américains, les habitudes et les institutions qu'ils ont adoptés ne sont pas nées seulement au cours d'une évolution naturelle et constante: dans un grand nombre de cas ils ont dû dédaigner quelques étapes intermédiaires du processus qu'avait connu leur élaboration dans l'Ancien Continent.

Les décalages résultant d'une telle situation sont assez sensibles, particulièrement dans les régions de l'Amérique Latine où les changements ne se sont pas faits sans de rudes secousses. En effet, et pour recourir à un seul exemple, le développement surprenant de l'aviation dans des pays pourvus de réseaux ferroviaires qui ne correspondent pas à leurs nécessités de transport les plus élémentaires, peut paraître déconcertant, mais je ne crois pas qu'il soit le produit d'un simple caprice ou la conséquence nécessaire d'une foncière inaptitude pour les conditions propres de la civilisation technique. Lorsque nous considérons que beaucoup de ces pays, avec une vaste extension territoriale, disposent généralement d'une population insuffisante, distribuée en des groupements dispersés et séparés les uns des autres par des immenses distan-

ces, ce fait ne semblera plus extravagant ni illogique.

On peut expliquer par des raisons semblables le fait que dans ces pays le progrès technique découle en grande partie d'apports de l'extérieur. On sait que même aux Etats Unis, le développement des chemins de fer, au moins jusqu'en 1880, ainsi que l'évolution industrielle du siècle dernier, n'auraient pas si vite atteint des proportions considérables sans la technique, la main-d'oeuvre spécialisée et le capital européens, surtout britanniques. Et pourtant ces faits, en eux-mêmes, ne sembleraient autoriser aucune conclusion précise sur le comportement du peuple nord-américain envers le progrès technologique et la civilisation capitaliste.

Les peuples de souche ibérique, il est vrai, ne figurent pas, en général, parmi les pionniers de ce progrès technique et ils y sont devenus partiellement étrangers ou même hostiles. Cette attitude anti-moderne n'est pas sans relation avec leur idéal de vie traditionnellement individualiste et, au fond, aristocratique. Mais le fait que ces traces semblent distinguer les nations ibériques ne signifie nécessairement pas qu'ils représentent une fatalité biologique invincible et tendent à triompher de toutes les pressions contraires.

Supposer l'existence d'une mystérieuse "mentalité ibérique", toujours égale à elle-même et capable d'une résistance obstinée à toutes les influences extérieures ou à tous les changements possibles, serait succomber à la séduction de ces arguments idéalistes qui n'expliquent rien et qui peuvent confondre bien de choses. Ils font un peu penser à ces observateurs qui il y a encore un siècle jugeaient le peuple allemand comme une race de rêveurs impénitents, dépourvus de sens pratique et, de plus -- ce sont les mots de Goethe --, immunisés contre ce patriotisme agressif qui distinguerait, au contraire, les latins. Ou encore à ceux qui, avant la Révolution Industrielle, niaient aux Anglais ces vertus économiques qu'ils porteraient plus tard à un si haut degré. Dans le pamphlet intitulé England's

Treasure by Foreign Trade, publié en 1664 et qui vient d'être réimprimé, son auteur, Thomas Mun, blâmait ses compatriotes pour leur imprévoyance, leur goût de la dissipation inutile, leur amour du plaisir et du luxe, leur oisiveté impudique -- lewd idleness -- "contraire à la loi de Dieu et aux usages des autres nations", et attribuait à leurs vices les difficultés à se mesurer sérieusement avec les Hollandais.

Dans le cas des peuples ibéro-américains il semble permis de se demander aujourd'hui si, plus sollicités par des influences extérieures et moins sujets aux freins de la tradition et de la routine, ils ne subissent pas une crise historique destinée à changer radicalement quelques effets de leur héritage, avec des résultats toutefois imprévisibles. La tendance de ceux qui voyent dans le monde latino-américain comme une image renversée, une sorte de "négatif", de l'idée qu'on se forme ordinairement de l'Amérique du Nord colonisée par des Anglo-Saxons, part encore d'une présumption trompeuse. La simple idée d'une comparaison possible suggère tout d'abord qu'on suppose, dans ce cas, deux unités cohérentes.

Or, si en face de cet ensemble extrêmement varié et complexe que forment les pays de l'Amérique Latine, les Etats-Unis, eux-mêmes, avec toutes leurs diversités régionales, présentent une physionomie assez unitaire, il serait illusoire d'aller chercher l'explication d'une telle variété dans le seul fait que le monde latino-américain est constitué actuellement d'une multiplicité d'organismes politiques distincts. Les raisons en sont, à la vérité, bien plus profondes et se rattachent surtout aux conditions de développement historique de chacun de ces pays.

Ainsi, ^{dans} ~~chez~~ quelques-uns, comme le Mexique, la Bolivie, l'Equateur, prédominent encore de nos jours les descendants des populations pré-colombiennes. On peut en dire autant du Pataguay où, malgré tous les efforts des gouvernements visant à l'étouffer, l'idiome des anciens habitants du pays est encore très répandu, même ^{dans} ~~chez~~ les populations citadines: au Con-

grès National d'Assomption l'espagnol est parlé tant que les débats obeissent aux règles de la parfaite dignité parlementaire. Dès que les gens s'exaltent et la discussion s'échauffe, on n'hésite cependant pas à utiliser le guarani, qui est encore, en partie, la langue du cercle domestique.

Au Chili, par contre, les populations primitives furent largement éteinte ou absorbées par les immigrants de la péninsule ibérique et, dans ce cas-ci on pourra dire à peu près que l'élément hispanique arrive à prédominer sans grande difficulté. La disparition ou l'assimilation des anciens indiens s'est aussi vérifiée dans une grande partie du Brésil, ainsi qu'aux Antilles, mais dans ces cas la contribution européenne s'est compliquée par l'introduction de nègres d'Afrique destinés au travail rural.

Il faut encore envisager le cas de la République Argentine, celui de l'Uruguay et celui du sud du Brésil, où, depuis le XIX^{me} siècle, un grand nombre d'immigrants italiens, allemands, slaves et, dernièrement, de japonais, se sont associés au vieux substrat ^xibérique et tendent à modifier la composition de la population. Il suffit de consulter aujourd'hui le liste d'abonnés de la compagnie téléphonique de São Paulo, par exemple, pour vérifier que les noms d'origine lusitanienne se perdent dans la majorité déjà notable de ceux qui dénoncent une ascendance diverse.

Sitôt qu'on est enclin à présenter l'Amérique Latine comme un tout à peu près uniforme, on tend à perdre de vue ces faits, pourtant significatifs. Et cette méprise sera à peine plus lourde dans les cas, d'ailleurs assez fréquents, où l'on suppose aussi une uniformité linguistique, sans tenir compte qu'au Brésil on ne parle pas l'espagnol, et que ce pays, avec une superficie territoriale supérieure à celle de l'Europe, moins la Russie, supérieure à celle des Etats-Unis, moins l'Alaska, comprend la moitié de la population et la moitié du territoire de l'Amérique du Sud.

Au point de vue historique l'erreur n'est pourtant pas impardonnable: si de nos jours il nous semblerait absurde d'identifier les Portugais

aux Espagnols, ce ^{ne} n'était pas, au même degré, en d'autres temps. Au cours du XVIII^{me} siècle, seulement, les noms d'"Espagne" et d'"Espagnol" acquièrent définitivement pour les Portugais, le sens politique, fréquemment défavorable qu'on donnait jusqu'alors à "Castille" et "Castillan". Le contraste entre les deux peuples datait, en vérité, des temps lointains de l'indépendance nationale portugaise sous la maison de Bourgogne, et s'était accentué dès qu'à la fin du XIV^{me} siècle une véritable révolution populaire avait fait accéder au pouvoir, à Lisbonne, une dynastie plus conforme aux vues de ses promoteurs. Suscité par des gens du peuple et par la bourgeoisie mercantile, ce mouvement, réalisé en dehors des cercles de la vieille noblesse nationale, qui s'était mise tout de suite sous la protection de la couronne castillane, a pu marquer de son empreinte toute l'expansion subséquente des Portugais dans les terres d'outre mer.

Il serait sans doute excessif de vouloir dater de l'ascension de la dynastie d'Aviz l'extraordinaire importance acquise dans le Royaume et surtout à la Cour de Lisbonne par les intérêts des marchands urbains. Le sage roi Dom Denis, qui les historiens portugais se complaisent encore à saluer sous l'épithète de "roi agriculteur", en le louant, d'autre part, pour les services innombrables que -- poète et ami des savants -- il a rendu à la culture de son pays, n'aurait pas été, un siècle avant cette dynastie, fanatiquement hostile aux intérêts pécuniaires et à tout ce que l'Église du temps condamnait encore comme usure. Ce n'est pas sans quelque motif que Dante a pu l'inculper de ce vice. Et l'apostille de l'anonyme de l'Ottimo Commento, contemporain de ce souverain, au passage où il est question de "celui du Portugal" -- "quel di Portogallo" -- dans la Divine Comédie, dit à propos de Denis que "tout occupé à l'acquisition des biens, il passe sa vie comme un trafiquant et entretient affaires de monnaie avec tous les marchands du pays", ajoutant, encore, d'ailleurs avec une injustice flagrante, que "rien de réel, rien de magnifique on ne peut écrire

sur lui": "nulla cosa reale, nulla cosa magnifica si puote scrivere di lui". Que ce goût du commerce ait eu de quoi scandaliser des Italiens et, par dessus le marché, des Florentins du Trecento, voilà certes un détail qu'on ne saurait pas négliger.

On a déjà dit du Portugal qu'il a été, à ses origines, un Etat de Croisés. Il est vrai pourtant que ces Croisés s'étaient vite défaits, dans leur territoire, des ennemis de la foi chrétienne, et qu'ils ont eu du loisir pour s'occuper d'activités plus prosaïques et non moins lucratives que les guerres de frontière. Peut-être est-ce pour les mêmes raisons que les caractères qui semblent avoir distingué le "hidalgo" espagnol typique se soient affirmés chez les classes nobles du Portugal avec une vigueur moins spontanée ? Certes ce n'est pas sans raison que les Portugais n'ont jamais produit, pendant le Moyen-Age, rien qui ne ressemble à l'épopée castillane du Cid. Le langage épique ne fleurit que tardivement chez eux, dans une phase d'abaissement national -- la seconde moitié du XVI^{me} siècle -- et fleurit, avec Camoëns, sous l'influence directe des modèles classiques, comme une rétrospective de gloires déjà assoupies. En revanche, ils savent se distinguer aisément dans l'expression lyrique. La langue portugaise, elle-même, devient de bonne heure, dans la péninsule, l'idiome, par excellence, du lyrisme: les troubadours de l'Espagne entière chantent alors en portugais et gallicien.

Malgré toute la grandiloquence camoneène, pendant la phase héroïque de l'expansion et des découvertes maritimes des Portugais, on ne trouve rien qui n'obéisse à une méticuleuse et prosaïque économie de moyens. L'acte même qui servira comme point de départ de cette expansion -- la conquête de Ceuta aux Maures du Maroc -- n'a pas été entreprise sans un calcul préalable de toutes les ressources nécessaires et des avantages plus que probables de l'initiative. Un courage obstiné, et cependant sans ardeur délirante ou intentions démesurées, semble être, en réalité, la caractéristique de tous les grands marins portugais -- d'un Vasco da Gama lui-même --, à la seule exception de Magellan, qui d'ailleurs, et non certes par hasard, s'est mis

au service de l'Espagne.

S'il est juste de dire que l'expansion portugaise porte de très bonne heure, une forte empreinte mercantile et en quelque sorte déjà "bourgeoise", on ne pourra pas conclure pour cela qu'elle ait ouvert effectivement une nouvelle étape dans l'histoire de la colonisation. Cette gloire, en dépit de tout, reviendrait plutôt aux Espagnols, quoique les Portugais aient été indéniablement, sur une grande échelle, les pionniers de l'expansion océanique. En effet, leur action colonisatrice est comme un prolongement, sur les routes de l'Océan, de celle de leurs prédécesseurs et, jusqu'à un certain point, leurs maîtres: les marins italiens du Moyen-Age.

Comparés à ceux-ci, on peut dire que l'idée de richesse, chez ces Portugais, ne s'était pas ^{libérés} ~~émancipée~~ au même degré ^{que chez ces Italiens} de la notion de propriété foncière. Et il faudrait encore rappeler que, si elle ne pouvait pas dispenser d'un minimum de conquête territoriale -- lorsque les Italiens, de leur côté, se limitaient généralement à chercher de simples concessions économiques --, les différences peuvent se rattacher à la distance plus grande où se trouvaient les colonies portugaises par rapport au territoire métropolitain, ainsi qu'à la civilisation plus rudimentaires des populations indigènes d'une grande partie de ces colonies.

Toutefois la domination pleine qu'ils pouvaient désirer dans ces régions, se limitait, en règle générale, au strict nécessaire pour le libre exercice de l'activité économique. Sauf sur les petites îles de l'Atlantique, voisines de leur propre territoire, les possessions qu'ils ont fondées pendant la phase de leur expansion ressemblent assez aux dogane et aux fondaca italiens pour qu'on ait pu comparer leur empire colonial du XVI.^{me} siècle à une ligne de comptoirs et de forteresses de dix mille milles de longueur.

Pour les Castillans, au contraire, la vraie conquête de territoire se trouve à la base de l'action colonisatrice. Découvert l'année même où les Maures furent expulsés de leur dernier établissement dans la péninsule, le Nouveau Monde se présente comme un prolongement naturel du champ d'action

des soldats de la Reconquista. L'Empire colonial qu'ils créent dans ces terres est ainsi une sorte d'extension transocéanique du territoire national et ne laisse pas de l'être même et principalement au point de vue juridique. A la rigueur ce ne sont même pas des "colonies", mais des provinces ou royaumes, qui s'incorporent à la monarchie castillane.

L'idée de conquête territoriale et de croisade, qui domine dès le premier instant leur activité américaine semble se rattacher, pour les Espagnols, à ce souvenir immédiat des campagnes héréditaires contre les infidèles installés dans la péninsule, tandis que, pour les Portugais, des campagnes similaires représentaient un épisode lointain et presque effacé de leur souvenir. D'autre part, avec une population très diminuée, en relation avec celle des royaumes espagnols assemblés sous l'égide castillane, et dominant un empire qui s'étendait sur quatre continents, le Portugal s'est vu forcé à suivre des voies qui lui donneraient un profit sans dépense d'énergie ou de main-d'œuvre.

Cela suffit à expliquer, par exemple, qu'ils aient dû, dans leur colonisation, préférer constamment les établissements situés sur le bord de la mer, d'où les denrées locales seraient exportées plus facilement et à peu de frais. Avec un grand nombre d'établissements semblables, ainsi que de forteresses, les terres occupées seraient plus en sûreté, d'autre part, contre la cupidité des étrangers, que par une pénétration dans l'intérieur ayant comme conséquence l'abandon ou le presque abandon du littoral. Le système a été adopté au Brésil, aussi bien qu'en Afrique et en Orient. Et ses conséquences sont visibles encore aujourd'hui quand on considère la distribution relative de la population brésilienne, beaucoup plus dense aux proximités de la mer qu'à l'intérieur du pays. Malgré quelques explorations isolées dans les régions centrales, suggérées par les succès des Espagnols dans le voisin Perou, les Portugais s'attachèrent obstinément, au Brésil, au type d'occupation de la terre qui porterait un chroniqueur du XVII^{me} siècle à dire "qu'ils se cramponnaient toujours au bord de la mer comme des crabes".

On imagine difficilement chez un conquérant Lusitanien de cette époque, un geste semblable à celui attribué à Cortez, par exemple, et aussi à Pizarre, qui auraient fait brûler leurs vaisseaux pour utiliser les bois dans les constructions sur terre. Cependant rien de plus conforme à l'esprit qui anime les Espagnols que cet acte, vraiment symbolique de la méthode qu'ils venaient d'inaugurer. Pour ces gens la mer n'existait pas, sauf comme obstacle à vaincre. Et les terres du littoral existaient uniquement en tant qu'accès obligatoire à l'intérieur des pays.

A l'opposé des Portugais, qui visaient surtout la plus grande commodité des communications maritimes, les Espagnols ont cherché aussi la plus grande commodité des colons eux-mêmes. Ainsi, les établissements urbains qu'ils ont édifiés dans leurs possessions tropicales se situent dans des régions où l'altitude puisse permettre à l'Européen de jouir d'un climat qui ne soit pas extrêmement dissemblable de celui de leur pays d'origine. Le problème de la majeure ou mineure facilité de transport ne semble même pas se poser à leurs législateurs. En effet, les ordonnances espagnoles sur les découvertes et la colonisation déconseillent expressément les établissements côtiers, sous l'allegation qu'il sont plus exposés aux corsaires, plus insalubres, plus stériles et plus défavorables à la formation des bonnes moeurs chez la population. Toutes ces mesures semblent bien s'ajuster à la conception qui veut faire des colonies une extension naturelle et organique de la Mère-patrie.

Les dissemblances entre les deux systèmes devraient être assez évidentes pour ne pas impressionner les contemporains. Dès la première moitié du XVIII^{me} siècle, le jésuite français Lafitau notait déjà le caractère au premier abord moins saisissant ou séduisant pour l'imagination, du système portugais, confronté à celui que les Espagnols ont mis en pratique au Mexique ou au Pérou. Dans leur cas on voit d'ordinaire un homme seul, qui par sa valeur, son obstination, son génie, réussit à édifier un Etat sur

les ruines d'un grand empire. L'oeuvre réalisée par les Espagnole lui semble comparable à un poème épique, où le tout est dominé par une action unique, embellie par divers épisodes. Sans dissimuler sa predilection pour la méthode - si l'on peut dire - des colonisateurs portugais, il note que ceux-ci procèdent, en général, par des interventions plutôt disparates, sur une grande quantité de régions diverses, sous des chefs distincts, qui ont fréquemment des idées opposées, sans cohérence et sans esprit de suite: une sorte de chaos, en somme, d'où il ne peut résulter quelque unité que du fait que ces actions, ces idées, ces chefs procèdent d'une même nation.

Le contraste peut sembler trop tranché et schématique pour qu'il puisse avoir une correspondance précise dans les faits et pourtant il caractérise bien la diversité de comportement des deux peuples ibériques qui ont colonisé l'Amérique du Sud. Cette diversité, qu'on serait aisément tenté de rattacher à de ~~nombreuses~~ différences de caractère qui separent ces deux peuples, semble conditionnée plutôt par les circonstances distinctes qui ont accompagné leur formation nationale. L'exaspération organisatrice, centralisatrice qui anime les Espagnols dans leur activité américaine correspond à ce besoin de cohérence qui porta Olivares à suggérer au roi Philippe IV de réduire aux styles et aux lois castillanes les différents royaumes de l'Espagne: elle vient d'une nation internement désunie et qui tient à vaincre les menaces de désagrégation.

Le gout des ordonnances précises, la casuistique compliquée des règlements méticuleux qui prétendent tout prévoir et prévenir, comme c'est le cas de la Recopilacion de Leyes de Indias, la passion de l'uniformité et de la symétrie, dénoncée, encore aujourd'hui par le plan régulier de presque toutes les villes hispano-américaines, les premières villes "en échiquier" qu'on ait édifiées dans le Nouveau Continent, si diverses, en cela, de celles du Brésil portugais, où tout semble s'accommoder aux caprices de la nature et à la loi du moindre effort, reflètent une volonté énergique de surmon-

ter les divisions internes de la nation espagnole. Au Portugal, au contraire, la plus tranquille aisance, l'aspect diffus, contradictoire, quelquesfois assez nonchalant de l'activité coloniale, ne cadre-t-il pas mieux avec les conditions d'un pays, qui ayant rejoint, dès le XIII^{me} siècle, une unité parfaite, n'aurait dû surmonter, de ce côté-là, aucune tension tragique, aucun problème pressant ?

Quoiqu'ils ne soient pas plus indulgents que les Castillans envers les infidèles et les hérétiques, les Portugais n'ont pourtant pas songé sérieusement à introduire dans leurs terres américaines le tribunal de l'Inquisition. Pendant la durée de la période coloniale, le Saint-Office s'est limité à deux courtes visites au Brésil, et il est significatif, sans doute, que l'une et l'autre aient coïncidé avec l'époque où les rois de Castille et d'Aragon étaient aussi souverains du Portugal.

Encore cette attitude pourrait-elle relever moins de la sagesse que d'une certaine mollesse dans la conduite des affaires coloniales. Pourtant il y a des cas où les Portugais ont donné des preuves bien nettes d'une libéralité positive, du moins si on les compare à leurs voisins. A l'opposé de ceux-ci, ils ne se sont pas refusé, par exemple, d'admettre dans leurs possessions les étrangers qui y voulaient vivre et travailler. Parmi ces étrangers on trouve même des sujets des pays qui ne se distinguaient pas par leur attachement à l'Eglise de Rome. Une telle situation a perduré jusqu'aux temps où le Portugal, avec ses colonies, passe, durant soixante années, sous le joug de la couronne de Castille: alors on défend formellement l'entrée aux étrangers et, en certains cas, on décide l'expulsion de ceux qui y résident déjà, ainsi que la confiscation de leur propriétés. Les restrictions seront toutefois annulées, au moins partiellement, au bénéfice de ce qu'on appelait les "nations amies", c'est-à-dire des Anglais et des Hollandais, après la restauration, en 1640, d'une monarchie portugaise séparée de l'Espagne.

Un des résultats notables de l'indulgence -- ou de l'impuissance -- de

ces colonisateurs fut que les énergies les plus spontanées des populations coloniales ont eu maintes occasions de se manifester plus librement. Le soulèvement qui recupère toutes les régions du Nord-Est conquises par les Hollandais pendant le régime espagnol est dû surtout à ces populations, c'est-à-dire à des Brésiliens de la seconde ou troisième génération, ainsi qu'à des Européens déjà adaptés au milieu américain. Ce mouvement est survenu juste au moment où dans la métropole on s'inclinait en faveur de l'abandon de cette partie du territoire colonial à la Hollande, en vue d'un accord plus efficace entre les forces anti-espagnoles.

L'immense effort de ces aventuriers qui, sortant du village de São Paulo en des vagues successives, pour faire la chasse aux Indiens ou prospector les richesses minérales, parvenant à explorer et à conquérir définitivement les régions de l'extrême-ouest, n'est pas moins typique de la liberté d'action acquise par les populations coloniales. Grâce surtout à ces gens, le Brésil va gagner bientôt sa silhouette géographique actuelle. L'activité des Bandeirantes, comme l'on appelle ces aventuriers, réalisée en dépit de fréquentes prohibitions de la Cour de Lisbonne, avec le secours décisif des Indiens du pays, par des hommes qui avaient souvent du sang indien, semble justifier l'observation d'un historien récent, Georg Friederici, lorsqu'il affirme qu'au Brésil l'Amérique fût conquise pour les Européens par les Américains.

La découverte par ces "bandeirantes" de riches gisements d'or et de diamants au coeur de l'Amérique du Sud décidera finalement le Portugal à changer sa politique coloniale. Les traits qui distinguent traditionnellement cette politique de celle des Espagnols, tendront de plus en plus à disparaître. Durant le XVIII^{me} siècle, le Brésil se transforme et d'une colonie "de plantations" devient un grand centre aurifère et diamantifère qui, avec ses richesses minérales devra exercer une influence importante sur l'économie européenne à un moment décisif de son évolution.

Le développement des centres urbains amène, à son tour, un développe-

ment correspondant des exigences intellectuelles chez les élites coloniales. Tout d'abord surgiront les académies littéraires créés selon les modèles européens et qui se réunissent sous les yeux bienveillants des agents de la Couronne. Après ce sera le tour des inoffensifs "pasteurs" arcadiques, qui bien contents de se voir en fin libérés de l'influence du cultisme espagnol, introduisent dans le pays les idées, les cadences, la tenue des "abbés" du Janicule. Cependant, vers la fin du siècle, ce paysage commence à s'assombrir: les autorités se voient maintenant aux prises avec des complots et tentatives d'insurrection directement inspirées des idées ou des exemples venus de la France et des Etats-Unis. Pour contenir cette invasion des "idées nouvelles" et pour s'assurer la possession périllicite d'une colonie qui était devenue sa principale source de revenus, le royaume modifie ses méthodes: à la tiédeur et à la souplesse qui semblaient distinguer son activité coloniale, se substitue une politique méfiante, hargneuse, répressive qui aggravera les rapports entre les gens du pays et les Portugais d'Europe.

Cette tendance nouvelle n'est pas faite pour durer longtemps. Une transformation qui devra affecter radicalement la vie brésilienne advient quand, en 1808, la Cour portugaise, elle même, se voit forcée à s'installer à Rio de Janeiro comme conséquence de l'occupation du territoire du royaume par des troupes napoléoniennes. Tout d'un coup, l'ancienne colonie se voit érigée pratiquement en métropole souveraine. Pour la première et la seule fois dans l'histoire, un Etat européen a son siège en terre d'Amérique. Même quand la chute de Napoléon supprime les raisons qui avaient pu susciter un tel événement, le Brésil continuera à abriter la Cour pendant quelques années. Et quand, en 1821, le roi portugais retourne à contre-cœur à Lisbonne, et laisse à Rio son fils aîné en qualité de Prince-Régent du Brésil, l'Amérique Portugaise se trouve déjà à la veille de la complète émancipation, qui s'accomplit, en effet, l'année suivante.

Ce dénouement serait aisément prévisible, même sans l'obstination de ceux qui à Lisbonne conspiraient contre le statut qui avait assuré au Brésil la

condition de royaume uni et juridiquement équivalent à sa Mère-patrie, en même temps qu'ils exigeaient publiquement le retour du Régent en Europe. En tout cas, l'irritation provoquée par de tels desseins, jointe à la pression exercée sur le Prince qui s'était identifié avec la cause brésilienne, ont pu jouer un rôle décisif sur la résolution de celui-ci de prendre sur soi la responsabilité du divorce politique avec le Portugal, divorce devenu désormais inévitable, et d'accepter la couronne du nouvel Empire.

La faveur que semblaient trouver auprès de lui les principes constitutionnels eurent l'effet d'aplanir, au moins jusqu'à un certain point, les tendances radicales et anti-monarchiques généralisées parmi ceux qui soutenaient l'idée de l'Indépendance. Le contact précoce avec ces tendances, la suggestion des couches les plus actives de l'opinion brésilienne, l'exemple contagieux de tous les autres peuples du Continent, avaient pu dresser ce prince, pourtant hautain et autoritaire, beau-fils, en outre, de l'Empereur d'Autriche, contre les idées absolutistes et les préceptes qui servirent de base à la Sainte Alliance.

On ne saurait exagérer la portée d'un tel événement dès qu'on veut fixer la position vraiment singulière du Brésil dans le monde américain. Exception faite du bref et sanglant entr'acte mexicain, c'est, en effet, le seul pays du Nouveau Monde où, l'Indépendance proclamée, on ait pu instituer le régime monarchique, qui était celui de la métropole. Dans ce cas on n'a même pas dû recourir à une dynastie étrangère: le premier chef de la monarchie sud-américaine est le successeur éventuel du vieux roi portugais. De ce fait, l'émancipation politique, résultat d'un geste sans doute séditieux, prend au Brésil un semblant de développement naturel et comme un sceau de légitimité.

Cette circonstance aura contribué, d'une façon ou d'une autre à atténuer quelques difficultés dans le processus d'affranchissement national et à prévenir des changements plus radicaux. D'autre part elle a agi favorablement, sous beaucoup d'aspects, sur l'évolution ultérieure du pays. A une époque où l'exemple bonapartiste avait encore de quoi séduire l'imagination mégalomane ou romanesque d'aventuriers qui pullulaient dans les nations à peine constituées d'Amérique, la

présence d'un souverain généralement accepté pouvait constituer et a constitué, sans doute, une barrière efficace aux ambitions et aux convulsions anarchiques. A l'exception des années qui succédèrent immédiatement à la proclamation de l'Independance, ainsi que durant la Régence qui suivit l'abdication du premier Empereur, le Brésil a eu une vie assez tranquille, si on le compare à la plupart de ses voisins. Et il est significatif que, pour parer aux agitations de la Régence, qui d'ailleurs constitue une sorte d'intermezzo républicain, on ait du hâter le terme légal ^(de la majorité) du second Empereur.

De même qu'il sut freiner les tendances à l'anarchie civile, le régime monarchique contribua sans aucun doute à conserver intact le patrimoine territorial de l'Amérique portugaise. Sinon on ne saurait expliquer comment une nation aussi vaste qu'un continent, issue d'une expérience coloniale souvent disparate et parfois hétérogène, ait pu résister si efficacement aux forces qui avaient conduit au morcellement l'ancien empire colonial espagnol.

D'autre part on peut dire que la monarchie brésilienne n'a pas opposé au cun obstacle à l'ambition du pays de pousser la scission avec la métropole jusqu'à ses ultimes conséquences et d'effacer tout ce qui semblait le rattacher à son passé colonial. Les plus divers secteurs de la vie nationale sont fortement marqués, au contraire, et dès les premiers moments par de telles aspirations. C'est vrai, même et surtout, dans le domaine intellectuel, en dépit de la communauté linguistique avec le Portugal. Le mouvement romantique qui, au Brésil, participe largement de l'exaspération nationaliste, dirigée en fait contre les anciens colonisateurs, se met à exalter, en prose et en vers, les vertus imaginaires des primitifs indiens du pays. Cet "indianisme", qui s'inspire, d'ailleurs, des livres de Chateaubriand et de Fenimore Cooper, veut être expressément le complément littéraire de l'émancipation politique. Et il l'est effectivement, au moins en ce qui concerne le Portugal: dès ce moment décline de plus en plus l'intérêt pour les auteurs portugais à mesure que s'ouvrent les portes à d'autres influences et tout d'abord à l'influence française.

Mais si cette préservation du régime monarchique dans un continent républicain, durant la majeure partie de son existence en tant qu'Etat indépendant, n'apporte pas moins une rupture de ses liens intellectuels avec la Mère-patrie, le Brésil reste pourtant attaché à celle-ci par un héritage assurément très important et qu'il ne partage avec aucun autre peuple américain: l'héritage linguistique. Quoique les affinités entre la langue portugaise et la langue espagnole conduisent souvent à sous-estimer cette singularité, le fait est que celle-ci se fait sentir dans beaucoup de domaines et en particulier sur le plan qui nous intéresse ici plus spécialement: celui des rapports culturels.

Ces affinités ne réussissent pas à empêcher, par exemple, que les auteurs de langue espagnole soient, en général, très peu connus au Brésil, et que, dans tout ce qui concerne l'activité culturelle ou littéraire, ce pays reste tout à fait à l'écart de ses voisins. La facilité relative des contacts, favorisée par la proximité géographique ou le sentiment de solidarité continentale, ne semblent modifier en rien cette situation. En effet on ne saurait prétendre que l'intérêt très vif, mais relativement récent, qu'éveille dans de nombreux cercles brésiliens l'activité intellectuelle des Etats-Unis soit dû à des facteurs similaires. Cet intérêt est explicable plutôt comme un aspect de l'influence de plus en plus sensible de l'Amérique du Nord sur tout le monde contemporain et il est assez loin de constituer un phénomène typiquement brésilien.

Pendant la dernière guerre mondiale, le manque de publications européennes courantes a pu déterminer, au Brésil, une demande plus considérable de livres américains et, à la vérité, non seulement nord-américains. Cela devait créer des conditions favorables à l'expansion des échanges culturels avec les pays voisins. Toutefois une telle demande s'adressait en partie aux innombrables traductions qu'on imprime au Mexique et à Buenos Aires, aussi bien qu'en Espagne, d'ouvrages rédigés originairement dans des langues moins accessibles à la majorité des lecteurs brésiliens. L'affluence improvisée de ces publications n'a réussi, en général, qu'à provoquer une connaissance incomplète et plutôt sporadique de la vie culturelle hispano-américaine. On peut dire, encore aujour-

d'hui, que cette connaissance reste un affaire de spécialistes et de curieux.

Cette situation se rattache surtout au fait que, déjà au moment de l'émancipation politique de ce pays, la culture et la littérature espagnoles avaient cessé, depuis longtemps, ~~à vrai dire~~ ^{exactement} depuis la fin du XVII^{ème} siècle, d'exercer sur les Portugais eux-mêmes, une attraction appréciable. Quand, à peine affranchis de la tutelle intellectuelle de l'ancienne métropole, les auteurs et le public ~~des lecteurs~~ du Brésil se tournèrent vers d'autres modèles, le prestige acquis sur eux par la culture française fut assez intense pour absorber immédiatement et presque exclusivement leur attention, au moins jusqu'au début de notre siècle.

Certes, il est très facile de signaler vers le même temps, chez les peuples hispano-américains, eux-aussi, un empressement semblable à se procurer de nouveaux guides intellectuels. Il paraît, néanmoins, indéniable que, dans leur cas, cette tendance a pu être corrigée, jusqu'à un certain point par l'héritage culturel espagnol, plus exigeant, plus solide, jouissant d'un prestige plus universel, sans doute, que celle des portugais. Il en résulte ainsi une situation assez distincte de celle où se sont trouvés les Brésiliens. Chez ceux-ci, l'émancipation politique, aplanie et en quelque sorte adoucie par le maintien de l'idée monarchique avec une dynastie portugaise, s'accompagne pourtant d'un net détachement de la métropole en tout ce qui concerne la vie intellectuelle. En Amérique espagnole, par contre, l'apreté de la rupture politique semble plutôt s'effacer dès qu'on pénètre dans le domaine de la culture. Dans celui-ci, le moins affecté par les forces disjonctives qui, pendant le premier quart du siècle dernier menent aux luttes de l'Indépendance, les peuples de langue espagnole réussissent à conserver, encore aujourd'hui, une physionomie comparativement homogène.

Séparé de ces peuples à la suite des conditions diverses de son développement national, séparé aussi, et encore plus nettement, de là va sans dire, des Etats-Unis, le Brésil occupe dans le Nouveau Monde une place à part. Dans ce continent, habité dans sa majeure partie par des peuples qui parlent l'anglais ou

l'espagnol, il ne se rattache, en réalité, à aucun d'eux. En ce qui concerne les rapports politiques et diplomatiques entre les deux ensembles divers et parfois divergents, il se voit condamné à une position d'équilibre qui n'est pas, d'ailleurs, exempte de dangers, et en effet lui a valu souvent le reproche de pencher tantôt pour l'un, tantôt pour l'autre.

Mais il serait faux de déduire des différences qui les isolent des autres peuples du continent, et parfois même d'une certaine volonté de se retrancher dans ces différences, qu'elles servent à affaiblir, chez les Brésiliens, les sentiments que suggère l'appartenance au monde américain et notamment latino-américain. Leur ignorance et même leur apparente indifférence envers la vie culturelle de leurs voisins de l'Amérique Espagnole - qui d'ailleurs les payent de la même monnaie - n'est pas une preuve de suffisance ou de vanité. A vrai dire, le "sentiment américain" joue aujourd'hui, comme il a joué dans le passé, un rôle actif dans la vie nationale. On sait qu'avant 1889 - l'année de l'instauration de la république au Brésil - l'argumentation la plus efficace et aussi la plus décisive de la propagande des républicains consistait à présenter la monarchie comme un régime désuet et étranger au continent.

Il ne faudrait pas, pourtant, interpréter le "sentiment américain" comme une sorte de patriotisme hémisphérique, exclusiviste et jactantieux. Les peuples du Nouveau Monde tous, sans exception, ont leur origine commune dans la transmigration des porteurs d'un même type de culture: la culture de l'Occident. Cette dépendance d'une culture, d'une civilisation unique, venue du dehors, constitue le trait visible qui relie effectivement ces peuples. Dans ses expressions actuelles ou potentielles, dans ses réalisations ainsi que dans ses aspirations, la vie américaine conserve et développe un legs européen. Ceci signifie, en d'autres termes, qu'appartenir à l'Amérique est une manière d'appartenir à l'Europe.

Ainsi, quand on questionne sur ce que pourrait être la contribution originelle du Nouveau Monde à la civilisation, il faudrait s'entendre d'avance sur le sens et la portée exactes de cette demande d'originalité. Certes, aucun des

peuples du Nouveau Monde ne peut se vanter d'une civilisation "originelle" dans le sens où on peut appeler originelles les contributions de la Chine, par exemple, ou celles de l'Inde, et j'ajouterai presque celles de la Russie, qui pourtant se relie géographiquement à l'Europe.

En tant qu'extension du monde européen -- de cette Europe qui, à la vérité, ne peut pas être enfermée dans une notion géographique -- le Nouveau Monde, le Brésil en particulier, a connu les multiples expériences de l'implantation d'une civilisation millénaire sur un terrain qui lui était étranger et parfois hostile. A cette héritage de culture s'ajoutèrent des contacts et des chocs qui mirent ~~à~~ l'épreuve tantôt sa force de résistance, tantôt sa souplesse. Mais l'épreuve essentielle est désormais achevée et, d'une façon générale, on peut la dire gagnée.

Dans le cadre de la civilisation de l'Occident, les Amériques -- je tiens à maintenir le pluriel -- offrent, avec une considérable dilatation dans l'espace, et assurément aussi dans le temps, les fruits de cette épreuve unique dans l'Histoire. En se prolongeant sur l'autre hémisphère, le monde européen a du se dépouiller de beaucoup de conventions, usages ou préjugés traditionnels et, d'autre part, trier ou aiguïser des aptitudes qui, pour la première fois, trouvaient un emploi sur une si vaste échelle. S'il est vrai que des possibilités d'enrichissement et de rajeunissement pour notre civilisation commune ont pu résulter de ce fait, néanmoins les succès obtenus n'ont été possibles, parfois, qu'au prix de sacrifices.

Les sélections, les tensions inévitables dès le premier moment ont pu impliquer des appauvrissements et des limitations durables ainsi que quelques traits déconcertants qui témoignent encore aujourd'hui dans la vie américaine ^{d'}un apprentissage inégal et ^{d'}une adaptation difficile. Les réactions défavorables qu'éprouve quelquefois l'Européenne vis-à-vis de ces

SBH
Pi 143
23/23

simplifications ou de ces difformités ont leur pendant dans l'attitude critique envers les habitudes d'excessive parcimonie et d'épargne, l'attachement au passé et à la routine, le gout des lieux clos, l'aversion pour le courant d'air, pour l'usage journalière du tub, l'obligation de la dot matrimoniale, les barrières infranchissables entre les couches sociales, qui composent l'image la plus familière que se font de l'Europe les Américains en général, soient-ils des Etats-Unis, des républiques de langue espagnole ou du Brésil. Il n'en est pas moins vrai que les divergences, dans ce cas, servent, non a supprimer, mais, au contraire, à augmenter les chances d'un contact et d'une collaboration nécessaires et de plus en plus féconds.--